

# É possível uma educação ambiental crítica em perspectiva ecosófica na Amazônia? O caso da Sala Verde Amanajé

## RESUMO

Neste texto, abordamos as experiências pedagógicas da Sala Verde Amanajé destacando a importância de tratar as questões ambientais para além do ecologismo hegemônico. Essas questões abrangem as dimensões social e subjetiva, exigindo uma abordagem crítica e no estilo rizomático deleuzo-guattariano, a fim de criar alternativas, experimentar abordagens desafiadoras e resistir a uma visão de mundo conservacionista. Para realizar essa análise, utilizamos o método da cartografia, que mapeou as atividades propostas e realizadas na Sala Verde Amanajé. Por meio desse procedimento, acompanhamos e registramos os engajamentos ético-políticos e as subjetividades emergentes durante as experimentações. Essas experimentações têm sido fundamentais para estimular modos de vida e relações que transcendem o modelo educacional tradicional, permitindo um devir micropolítico e crítico na educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação ambiental. Ecosofia. Filosofia. Sala Verde Amanajé.

**Charleston Silva de Souza**  
[charlestonsouza10@gmail.com](mailto:charlestonsouza10@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-3268-3673>  
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

**José Valdinei Albuquerque Miranda**  
[jneimiranda@gmail.com](mailto:jneimiranda@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0003-1259-8655>  
Universidade Federal do Pará, Cametá, Pará, Brasil

**Fernanda Carneiro Romagnoli**  
[fcarneiroromagnoli@gmail.com](mailto:fcarneiroromagnoli@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-1581-8820>  
Universidade Federal Rural da Amazônia, Capitão Poço, Pará, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O pensamento mesmo está por vezes mais próximo de um animal que morre do que de um homem vivo, mesmo democrata<sup>1</sup>.

É verdade que a filosofia é inseparável de uma cólera contra a época, mas também de uma serenidade que ela nos assegura<sup>2</sup>.

Esta texto pretende realizar uma interseção entre dois campos do saber, o da educação e da filosofia. Para ser mais preciso, trata-se da educação ambiental (EA) em um registro específico da Amazônia, na cidade de Capitão Poço – Pa, que é pensada através das lentes da educação ambiental crítica e da ecosofia de inspiração deleuzo-guattariana.

O projeto Sala Verde Amanajé (SVA) é uma iniciativa de educação ambiental localizada na UFRA Capitão Poço, no nordeste paraense. Desde sua institucionalização, em 2018, busca associar o resgate da cultura mais simples do contato próximo com terra, com o alimento, com as plantas e com a saúde por meio de plantios orgânicos tradicionais e funcionais ao bom uso das novas tecnologias enquanto instrumento de fornecimento de informações e de aproximação do ser humano com a natureza<sup>3</sup>. A Sala Verde Amanajé tem oferecido diversas atividades para os moradores da cidade, como palestras, oficinas, exposições, visitas guiadas e outras ações educativas voltadas para crianças, jovens e adultos. Entre os temas abordados nas atividades estão a importância da água, da biodiversidade, do consumo consciente e da reciclagem. Além disso, possui diversas modalidades de hortas e jardins, que visam utilizar mecanismos sensoriais dos visitantes para o reconhecimento de tipos de plantas, sua forma de plantio e uso.

Especificamente em Capitão Poço, a agricultura ocorre tanto em pequena quanto em larga escala. Boa parte desse plantio vem ocorrendo de forma agressiva ao meio ambiente, no sentido de buscar acelerar os processos de produção de mercadorias. Isso se dá por meio do desmatamento de grandes áreas e uso de defensivos agrícolas. Além disso, com o crescimento do espaço urbano, muitas crianças das novas gerações não estão habituadas à cultura do contato com a terra. Portanto, o estabelecimento de uma Sala Verde em Capitão Poço dentro de uma universidade com caráter fortemente voltado às questões ambientais, pode contribuir para o fortalecimento de uma cultura de relação cuidadosa com a terra, com o meio ambiente em geral e com a própria saúde (SALA VERDE AMANAJÉ, 2023).

Para aproximar o campo da Educação Ambiental (EA) ao pensamento ecosófico guattariano, buscou-se uma articulação ético-política entre os registros ecológicos, abrangendo o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Nessa perspectiva, entende-se que a EA tem como objetivo fundamental a formação de sujeitos capazes de transformar a realidade, seja ela de ordem natural, social, econômica ou psíquica.

Dessa forma, a EA se assemelha à filosofia, sendo uma maneira de pensar e agir que busca uma crítica profunda ao seu tempo, engajando a existência

humana em uma luta contra um presente considerado vergonhoso. Essa postura estimula a constante renovação das lutas, com entusiasmo, visando a criação de uma nova terra e um povo que ainda não existe.

Considerando que a EA possui um caráter essencialmente crítico, alinhado com a filosofia de Deleuze e Guattari, torna-se viável a interpretação das experiências em educação ambiental do Projeto Sala Verde Amanajé (SVA) como ferramentas indispensáveis para conceber e efetivar uma EA crítica sob a perspectiva ecosófica. Isso implica em compreender as ações do projeto como meios para provocar reflexões e transformações profundas no modo de pensar e agir em relação ao meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade, promovendo um engajamento ativo em prol da construção de uma realidade mais sustentável e justa.

Para a construção deste texto, foi importante a abordagem da história da educação ambiental brasileira pelas lentes do professor e pesquisador Philippe Pomier Layrargues. Suas investigações em torno de uma educação ambiental indisciplinada, da denúncia do antiecológico e de uma ecologia política inspiraram a construção deste texto, que buscou apontar para a criação de tipos de educação ambiental voltados à crítica e à transformação da realidade.

Um dos elementos da construção teórica de Layrargues explorado neste texto concerne à passagem de um sujeito ecológico conservador para um sujeito ecopolítico, uma abordagem crucial que permite seu alinhamento hermenêutico-teórico com a Ecosofia de Félix Guattari. Assim como aquele sustenta a limitação das tendências comportamentalistas da educação ambiental, este propõe que apenas através de uma articulação ético-política é que poderemos resolver as questões colocadas pela problemática ambiental. Isso significa que o desenvolvimento do campo da educação ambiental no Brasil pode ser interpretado segundo as exigências da educação ambiental crítica em uma perspectiva ecosófica, que procura desdobrar-se em uma revolução política, social e cultural a partir da produção da existência humana em novos contextos históricos.

Assim como a EA crítica, a ecosofia se apresenta como um movimento nômade que permite criticar o mundo em que vivemos (GUATTARI, 2012b, p. 106), denunciando aqueles conceitos que perderam a mobilidade e se transformaram em obstáculos para a vida, como no caso de uma educação ambiental conservacionista, estacionária.

Em um mundo cada vez mais repleto de mudanças, desterritorializado, cabe à educação criar as condições para lidar com esse elemento fluido de nosso tempo. Se ficarmos presos a correntes de pensamento reacionárias, um fantasma bem real nos dias de hoje, então a educação e a filosofia perdem seu principal elemento, que concerne em fazer a diferença para um mundo melhor através de lutas utópicas diárias encenadas por mudanças criativas.

## PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÔMADE

O reacionário é contra os movimentos “errantes”, nômades. Ele se contenta em repetir os paradigmas que nos trouxeram aos dias atuais. O que lhe escapa é que os paradigmas da contemporaneidade, herdados do mundo moderno, como a queima de combustíveis fósseis, a produção de mercadorias e a busca cega por acumulação de capital, têm nos levado a um abismo. O risco da perda das condições de produção e reprodução da vida é consequência das mudanças significativas provocadas por tendências históricas anteriores, por movimentos e ações humanas que continuam fluindo através de nós. Mais uma vez, é preciso reconhecer a pluralidade das formas de vida e pensar a nossa existência a partir de diferentes registros que concorrem para o engendramento da nossa formação individual, coletiva e institucional, buscando contornar os problemas ocasionados pela imensa transformação técnico-científica que pressiona o planeta Terra cada vez mais.

Os sistemas pedagógicos seguem a lógica dominante ao perpetuarem as condições para a manutenção do status quo, cooptados pelos organismos institucionais.

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos (GALLO, 2003, p. 78).

A educação ambiental também tem seguido essa tendência, ou melhor, essa “falta de movimento”, sendo limitada pelas correntes ambientalistas predominantes. Os problemas que antes eram vistos como questões ecológicas com uma dimensão política fundamental têm sido reduzidos a problemas de ajuste e conformidade, tanto em relação ao meio ambiente quanto ao papel dos indivíduos na gestão desses problemas. Em vez de confrontar e denunciar os modos de produção e as relações que estabelecemos com o meio ambiente como as causas dos problemas ambientais, a educação ambiental no Brasil tem se contentado em lidar com eles apenas por meio de tecnologias e contribuições individuais, reforçando a ideia de que é importante que cada pessoa faça a sua parte.

No entanto, em “O que é a filosofia?” (2010b), Deleuze e Guattari apresentam três comportamentos que podem contribuir para borrar os limites da Educação Ambiental. A criação se refere à possibilidade de criar novas formas de pensar e agir que possam transformar a realidade atual. Isso pode envolver o desenvolvimento de novos materiais ou programas educacionais, ou simplesmente encontrar novas maneiras de envolver os estudantes na aprendizagem ambiental. A experimentação envolve uma atitude de abertura ao desconhecido e à incerteza, e uma disposição para experimentar coisas novas. Isso pode envolver testar novos métodos de ensino, ou simplesmente estar aberto a novas ideias e perspectivas. A resistência envolve uma atitude crítica em relação à realidade presente e uma disposição para desafiar o status quo. Isso

pode envolver aumentar a conscientização sobre questões ambientais ou advogar por mudanças.

Ao relacionar essas ideias, percebemos que a educação ambiental, ao seguir a abordagem restrita e tecnocrática, tende a reforçar as normas e práticas dominantes, desconsiderando a dimensão política e as estruturas sistêmicas que contribuem para os problemas ambientais. Por outro lado, ao incorporar os comportamentos de criação, experimentação e resistência propostos por Deleuze e Guattari, a educação ambiental pode ampliar sua atuação e efetividade, rompendo com a visão individualista e buscando a transformação coletiva e sistêmica. Dessa forma, os estudantes são incentivados a se tornarem sujeitos ativos na construção de um outro mundo, questionando as práticas vigentes e propondo novos caminhos para lidar com as questões ambientais.

Layrargues (2020; 2012) aponta nesta direção ao sustentar que a educação ambiental deve ser mais crítica e transformadora. Ele argumenta que a EA no Brasil frequentemente se concentrou demais na conservação e não o suficiente em desafiar a ideologia dominante. Como resultado, ela falhou em alcançar seu pleno potencial.

Na medida em que a Educação Ambiental se afasta do seu potencial crítico, cristaliza-se no senso-comum do que venha a ser essa prática educativa, a concepção de que ela realmente seja importante para a instauração da cultura da sustentabilidade; embora, do ponto de vista crítico, esse papel social esperado para a Educação Ambiental seja simplista e ingênuo, porque, na ausência ou na superficialidade da análise crítica do sistema, assume um projeto societário reformista totalmente em sintonia com o processo civilizatório liberal e conservador (LAYRARGUES, 2012, p. 389).

Por esses motivos, a educação ambiental (EA) tem se tornado cada vez mais pragmática, focada no combate às manifestações mais visíveis e diretas do problema ambiental, em vez de suas origens e causas. Isso significa que a EA se tornou uma ferramenta utilizada pela reprodução social do atual modelo empresarial, para se manter inalterado.

É fundamental libertar a EA das amarras conservadoras do aparato moderno, desenvolvendo ferramentas que possibilitem uma abordagem crítica capaz de romper com a lógica de produção do capital. Para alcançar essa meta, é essencial promover um diálogo constante com as práticas já existentes na área, visando à emancipação do domínio ideológico liberal. Devemos criar mecanismos que libertem a EA das práticas dominantes, de forma a fomentar experiências alternativas nas relações entre ser humano e natureza, o que inclui necessariamente a crítica e a resistência às correntes da educação ambiental que estão submetidas às exigências do mercado.

Nas experiências da Sala Verde Amanajé, encontramos inúmeros elementos que comportam um significado conservacionista, mas nem por isso insuficientes para pensar em ações voltadas à construção de uma educação ambiental crítica. Destacam-se as ações de inventivo à reciclagem, reaproveitamento de garrafas PET, uso consciente dos recursos naturais. As ações voltadas para a redução do lixo através da destinação correta das garrafas PET ajudam na conscientização para o tempo de decomposição das mesmas, que

fica em torno de centenas de anos. A reciclagem e o reaproveitamento dessas garrafas, além de ajudar a reduzir a quantidade de lixo nos aterros sanitários e no meio ambiente em geral, podem auxiliar na formação de sujeitos ecológicos, preparados para lidar não apenas com as ações de reciclagem, mas, com a crítica dos modos de produção.

**Figura 1 – Reciclar**



Fonte: equipe SVA, 2022

Na imagem acima, temos alguns elementos concernentes às práticas em educação ambiental da SVA. De saída, destaca-se o cuidado com o próprio lixo, um chamado para a responsabilidade individual, para os nossos comportamentos tomados isoladamente. O comentário fixado abaixo da imagem também é sintomático: mediante a tanto caos no meio ambiente, vamos fazer nossa parte! Ele pode ser interpretado como um indicador do quão eficiente tem sido o discurso de que a contribuição individual faz a diferença. Seguindo Layrargues (2012, p. 399-400), podemos dizer que esse comentário carrega o slogan “cada um faz a sua parte, que o meio ambiente agradece”, uma narrativa que tem como finalidade manter viva e forte a ideia de um sujeito ecologicamente correto.

Em geral, um sujeito ecologicamente correto é uma pessoa que adota práticas e comportamentos em sua vida cotidiana que são benéficos para o meio ambiente e para a sustentabilidade do planeta. Isso envolve um compromisso com a redução do consumo de recursos naturais, a minimização da geração de resíduos e a escolha de produtos e materiais que sejam menos prejudiciais ao meio ambiente.



Na imagem seguinte, apresentamos mais uma maneira de praticar a EA no registro da SVA que comporta um caráter conservacionista.

**Figura 2:** Reutilizar



Fonte: Equipe SVA, 2022

A reutilização de resíduos é uma prática comum nas oficinas da Sala Verde Amanajé. O objetivo por trás dessas ações é chamar a atenção para a cultura do desperdício, conclamando-nos a frear nosso ímpeto consumista alimentado constantemente alimentado pelas redes vinculadas à economia capitalista. Essa perspectiva envolve uma certa melhoria das práticas de sustentabilidade, em que o meio ambiente é visto como um conjunto de recursos naturais em processo de esgotamento. Ainda segundo Layrargues (2012, p. 396), podemos dizer que estas ações procuram combater o desperdício e promover a revisão do paradigma do lixo, que passa a ser “concebido como resíduo que pode e deve ser reinserido no metabolismo industrial”.

De modo geral, as ações referentes aos 5Rs da sustentabilidade estão invariavelmente relacionados ao consumo responsável. Na busca de preservação do meio ambiente e de um consumo consciente, e até mesmo na criação das condições de uma “economia mais justa”, estas ações que envolvem um consumo mais responsável vêm ganhando força nas atividades da SVA. Até mesmo do ponto de vista financeiro, um consumo mais consciente ajudaria a economizar mais dinheiro, melhorando a vida das pessoas e das empresas.

Entretanto, embora os 5Rs possam auxiliar para que pensemos nos nossos hábitos consumistas, ainda assim há a ausência da denúncia da insustentabilidade. Esta precisa ser um aspecto central da EA, a fim de alertar a sociedade sobre as práticas humanas que estão comprometendo a capacidade do planeta em sustentar a vida. Fundamentalmente relacionada à ideia de que os

padrões atuais de consumo e produção não são viáveis a longo prazo e podem levar à degradação ambiental, a denúncia da insustentabilidade coloca em primeiro plano que os problemas são resultados de um modelo de desenvolvimento baseado no crescimento econômico constante e na exploração dos recursos naturais sem considerar seus limites.

Abaixo, temos uma publicação em rede social da SVA que expressa esse tipo de preocupação em torno da sustentabilidade e da ausência de denúncia da insustentabilidade.

**Figura 3:** vida sustentável



Fonte: Equipe SVA, 2022

Não há dúvidas de que pensamentos e ações voltados à sustentabilidade, a uma vida em harmonia com a natureza desempenham uma função vital na construção de um mundo com menos injustiças ambientais. Um mundo e um povo por vir deveriam trazer esses elementos como constituintes de um ambiente mais equilibrado, saudável, justo, harmonioso, etc. Todavia, tudo isso deveria vir a partir, também, da denúncia da insustentabilidade. Um pensamento ecológico voltado unicamente para a conscientização das pessoas em torno de um mundo melhor precisa estar alinhado com a crítica das causas de um mundo em constante degradação.

Não basta apenas anunciar o caminho da sustentabilidade e acreditar que isso seja suficiente para motivar a conversão ideológica daquele Outro que segue convicto crendo que o caminho da insustentabilidade não se cruza com o caminho da prosperidade, supondo que bastaria a supressão da ignorância – e não da ganância também –, para se pôr um fim à degradação e ao crime ambiental (LAYRARGUES, 2020, p. 52).

O que precisamos fazer, e a Sala Verde Amanajé já possui iniciativas que o mostram, é evidenciar o antagonismo da sustentabilidade, de que seu contrário



não é o fato do desconhecimento dos problemas ambientais, mas sim a queda das sociedades no mundo da vida dominado pela economia neoliberal, quando estamos seduzidos pelas mercadorias, aquilo que Karl Marx (1982) chamou de fetichização, o feitiço que os produtos industrializados causam em nós como objetos sagrados que precisam ser sempre reconquistados, fiando-nos em uma espécie de ciclo infinito.

Estas possibilidades de experimentarmos outros caminhos em EA já estão sendo articuladas na SVA. Ela vem utilizando uma abordagem inspirada na metáfora do crescimento das plantas para descrever duas formas diferentes de pensar: a estrutura arbórea do pensamento arborescente e a estrutura rizomática do pensamento rizomático (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2011a).

As árvores são caracterizadas por um tronco central do qual emergem os galhos. Os galhos podem se ramificar ainda mais em galhos menores, mas a estrutura geral é hierárquica e unidirecional. Esse tipo de pensamento é frequentemente associado à filosofia ocidental tradicional, que enfatiza a busca por origens e fundamentos.

Os sistemas de raízes fasciculadas são semelhantes às árvores no sentido de possuírem uma raiz central, mas as raízes provenientes dessa raiz central não se ramificam de maneira hierárquica. Em vez disso, elas se espalham em todas as direções, formando uma espécie de rede. Esse tipo de pensamento é frequentemente associado à ciência moderna, que enfatiza a interconexão de todas as coisas.

Já os rizomas são essencialmente distintos das árvores ou sistemas de raízes fasciculadas. Eles não possuem uma raiz ou tronco central, e seu crescimento não é hierárquico ou unidirecional. Em vez disso, os rizomas crescem se estendendo em todas as direções, formando uma espécie de rede. Esse tipo de pensamento é frequentemente associado à própria filosofia de Deleuze e Guattari, que enfatiza a multiplicidade e a interconexão de todas as coisas.

**Tabela 1:** Diferenças entre árvore, sistema de raiz fascicular e rizoma

Característica	Árvore	Sistema de raiz fascicular	Rizoma
Estrutura central	Sim	Sim	Não
Hierárquico	Sim	Não	Não
Crescimento unidirecional	Sim	Não	Não
Conexão	As ramificações se conectam umas às outras	As raízes se conectam umas às outras	Todas as partes se conectam umas às outras
Associado com	Filosofia ocidental tradicional	Ciência moderna	Filosofia de Deleuze e Guattari

Fonte: Autor, 2023.

Também os novos arranjos em educação concernetes à SVA nos invitam à experimentações errantes no âmbito de uma nova perspectiva de luta e enfrentamento dos padrões de vida conformistas atuais, o que nos permite encarar suas ações em termos rizomáticos.

Esta dinâmica entre pensamento arbóreo, radicular e rizomático pode ser expressa por meio da dinâmica entre as macro-tendências da EA, conforme o pensamento de Layrargues, para quem a EA envolve um processo de amadurecimento, um movimento incessante em torno de superações de momentos de estagnação.

Já quanto à questão do dinamismo que move o processo de amadurecimento da Educação Ambiental, é importante manter atenção à trajetória histórica de surgimento, desenvolvimento, expansão, consolidação, estagnação ou qualquer outro sinal de movimento, de cada uma das correntes de pensamento na Educação Ambiental, assumindo-se a necessidade de se revisitar periodicamente esse quadro conceitual classificador dos tipos ideais das correntes de pensamento político-pedagógico na Educação Ambiental, com o intuito de revisá-lo e atualizá-lo em função de sua dinâmica que lhe é intrínseca, no contínuo processo de amadurecimento (LAYRARGUES, 2012, p. 391).

Como um espaço de micropolíticas, de lutas e nomadismos, a Sala Verde Amanajé já teve oportunidade de desenvolver parceria com o Instituto Vida em Sintropia da Amazônia (IVISAM), uma instituição que visa contribuir para o bem viver das comunidades por meio de atividades práticas de auto-organização e sintropia na região de Irituia, cidade vizinha de Capitão Poço. Dentre as atividades mais notáveis do Instituto, podemos mencionar os mutirões agroflorestais, eventos coletivos em que várias pessoas se reúnem para realizar atividades relacionadas à agrofloresta. Esses eventos geralmente envolvem a plantação de mudas, a construção de estruturas para apoio ao cultivo, a manutenção de áreas já plantadas e outras atividades de cultivo. Um aspecto já trabalhado na prática na SVA em parceria com o IVISAM foi a construção de uma horta mandala no início do projeto, em 2018. Esta cooperação possui grande significado para a SVA, pois trouxe um experimento que permitiu acompanhar uma visão de mundo pouco trabalhada na região de Capitão Poço.

**Figura 4:** Horta mandala



Fonte: Equipe SVA, 2018

Em 2018, quando a SVA foi efetivamente instalado enquanto espaço físico, um tema que se mostrava interessante para seus membros era a permacultura, daí a descoberta da horta mandala. Enquanto estrutura utilizada na permacultura, ela permite o cultivo de várias espécies diferentes em um espaço reduzido, além de facilitar a irrigação e outros cuidados. É a busca de uma economia de recursos aliada à diversidade. No caso da SVA, também sua adesão foi importante por causa do espaço reduzido destinado ao projeto. A horta devia ter como prioridade o cultivo de plantas medicinais por conta de ser algo bastante utilizado na região. Sua construção se deu durante um seminário de integração na UFRA/Capitão Poço, em 2018, com o auxílio do criador do Instituto IVISAM, Vicente Sirino, professor e agrofloresteiro da cidade de Irituia – Pa. Na ocasião, participaram integrantes da SVA e outros alunos do campus e da cidade.

Se queremos transformar os meios de vida, necessitamos transformar o sujeito ecológico conformado com as necessidades do capital em sujeito ecopolítico, o que significa assumir a tarefa de construção dos elementos necessários para a formação de sujeitos políticos capazes de agir em prol da transformação das condições de vida, ou melhor, do combate das políticas ecocidas tão presentes no cenário nacional<sup>4</sup>.

Devemos esperar transformações políticas globais antes de empreender tais “revoluções moleculares” que devem contribuir para mudar as mentalidades? Encontramo-nos aqui diante de um círculo de dupla direção: de um lado a sociedade, a política, a economia não podem mudar sem uma mutação das mentalidades; mas, de um outro lado, as mentalidades só podem verdadeiramente evoluir se a sociedade global seguir um movimento de transformação. A experimentação social em grande escala que preconizamos constituirá um dos meios de sair dessa “contradição”. Apenas uma experiência bem-sucedida de novo habitat individual e coletivo traria consequências imensas para estimular uma vontade geral de mudanças (GUATTARI, 2012b, p.155).

Estas experimentações sociais, como a construção de uma Sala Verde em um município predominantemente agrícola e monocultural, podem ser vistas, seguindo Guattari, como portadoras de uma ordem objetiva “mutante”, a partir das quais podemos traçar novas configurações sociais, uma nova arte, novas mentalidades. Seria uma forma de desenvolver, contra uma lógica da identidade geralmente associada ao pensamento cartesiano, uma lógica do caos, que dê prioridade às fraturas moleculares (GUATTARI, 2012a, p. 14), de tal maneira a ser impositivo o exame das situações em sua singularidade. Trata-se de insistir nas experiências que mostram os caminhos alternativos e seguir suas bifurcações que eventualmente surjam. Para Guattari, “trata-se de construir não apenas no real mas também no possível” (GUATTARI, 2012b, p. 155).

No campo da EA e suas macrotendências, podemos pensar que seu processo de desenvolvimento concerne aos problemas que lhes foram aparecendo. Se em algum momento a educação ambiental assumiu uma abordagem predominantemente conservacionista, é porque o trabalho da educação estava voltado para esta preocupação, para este entendimento, que consistia em adotar uma perspectiva com viés ecológico da questão ambiental, negligenciando as questões sociais, políticas e culturais indissociáveis de sua gênese e dinâmica (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 30).

De modo geral, a abordagem conservacionista da educação ambiental enfatiza a importância da preservação e conservação do meio ambiente. Ela tem como objetivo sensibilizar as pessoas para a necessidade de proteger a natureza e os recursos naturais, para garantir a sua sustentabilidade a longo prazo. A educação ambiental conservacionista destaca a importância da preservação de habitats naturais, da conservação da biodiversidade e do uso sustentável dos recursos naturais. Essa abordagem busca ensinar às pessoas a importância de se reduzir o consumo de energia e água, reciclar materiais e adotar práticas sustentáveis em suas vidas cotidianas.

Alguns críticos desta abordagem, como Layrargues e Lima, e, de certo modo, Guattari, argumentam que ela pode levar a uma visão romântica e nostálgica da natureza, que ignora as complexidades e dinâmicas do mundo. O problema é que essa abordagem também pode levar a uma tendência de ver a natureza como algo a ser preservado e protegido, em vez de algo a ser compreendido e interagido de maneira sustentável.

É uma tendência histórica, forte e bem consolidada entre seus expoentes, atualizada sob as expressões que vinculam Educação Ambiental à “pauta verde”, como biodiversidade, unidades de conservação, determinados biomas, ecoturismo e experiências agroecológicas. Não parece ser a tendência hegemônica no campo na primeira década do século XXI, além de apresentar limitado potencial de se somar às forças que lutam pela transformação social, por estarem distanciadas das dinâmicas sociais e políticas e seus respectivos conflitos LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 30).

Essa possibilidade de articular ações de formação de sujeitos ecológicos está nos planos da idealizadora e coordenadora do Projeto Sala Verde Amanajé. De acordo com seus relatos, esse foi um dos objetivos iniciais do projeto. Mesmo tendo em conta que a SVA tem certo entusiasmo por práticas sustentáveis, ela tem buscado meios para pensar a insustentabilidade através dos recursos disponíveis, como, por exemplo, a ênfase nos 5 Rs da sustentabilidade. Pode parecer contraditório, porém, como ela propõe, podemos pensar que nem todos esses Rs envolvem a formação de sujeitos conformados. O “reciclar”, em seu ponto de vista, representa muito mais uma forma de vida pautada no consumo, na necessidade de permanecermos presos na “giranda” das mercadorias; portanto, já se desenvolve uma crítica mais aguda em relação a este aspecto. Pior que isso, a ideia por trás da reciclagem terceiriza a responsabilidade pela produção e cuidado com o lixo para o cidadão, impedindo-o de fazer a crítica das relações sociais e de poder por trás desse tipo de produção.

Na figura 5 abaixo, temos o cartaz do curso “Tópicos de atualização em educação ambiental” promovido pela SVA em parceria com profissionais de várias localidades do estado do Pará. O curso tinha como objetivo discutir tópicos em educação ambiental com enfoque no ensino remoto, isto porque estávamos no meio da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Os temas trabalhados foram “O que é o meio ambiente e a educação ambiental?”, “EA e o pensamento rizomático”, “EA em espaços formais e não-formais”, “EA e epidemiologia”, “Gestão de resíduos sólidos”, “O problema dos plásticos”, “Agroecologia”, “Compostagem”, “Agrobiodiversidade” e “Divulgação científica”.

**Figura 5:** Curso ofertado pela SVA



Fonte: Equipe SVA

Na ocasião, foi apresentado as linhas gerais de uma educação ambiental concebida nos termos de um pensamento rizomático. O objetivo central foi mostrar que um pensamento arborescente, tal como costumamos nos referir à filosofia do francês René Descartes, está muito mais próximo de práticas pedagógicas hegemônicas que de uma educação transformadora, como se espera da educação ambiental.

Na ocasião, buscava-se compreender e cartografar como as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira haviam se instanciado, como o campo da educação ambiental veio se constituindo e, substancialmente, como este processo (espessamento) havia se conjugado com abordagens acrílicas. Assim, buscava-se pensar nas possibilidades para criação de uma educação ambiental menor, como pensada por Gallo (2003), uma educação ambiental contra-hegemônica.

O curso também tinha como foco a Política Nacional de Educação Ambiental, que apesar do seu enfoque humanista, holístico, democrático e participativo, ainda permanece enredada nos dilemas da prática individual dos bons exemplos da sustentabilidade (LAYRARGUES, 2020, p. 65). Esses dilemas foram apresentados como fundamentalmente associados à necessidade de se alcançar um equilíbrio entre desenvolvimento econômico, social e ambiental. Como um dos principais dilemas da sustentabilidade é o conflito entre o crescimento econômico e a preservação ambiental, a conclusão necessário foi que a busca pelo desenvolvimento econômico pode levar à degradação do meio ambiente e à exaustão de recursos naturais, comprometendo a capacidade de suprir as necessidades das gerações futuras. Desta maneira, a preservação ambiental pode limitar o crescimento econômico e a geração de empregos, prejudicando a qualidade de vida das pessoas no presente.



Por esses motivos, para que a sustentabilidade seja efetivamente implementada, é necessário que a população tenha consciência dos impactos de suas escolhas e ações sobre o meio ambiente e a sociedade como um todo. No entanto, a falta de acesso à educação e informação ambiental, aliada a valores culturais e comportamentais arraigados na sociedade capitalista, pode dificultar a mudança de hábitos e comportamentos necessários para a promoção da sustentabilidade.

Em resumo, esses dilemas da sustentabilidade exigem uma abordagem complexa e integrada, que leve em conta não apenas aspectos ambientais, mas também sociais, econômicos, culturais e políticos. É necessário que se busque um equilíbrio entre as necessidades do presente e as capacidades das gerações futuras, garantindo a justiça social e a governança ambiental adequada.

### **NOTAS DE FIM: O DEVIR-POLÍTICO DA SALA VERDE AMANAJÉ**

A EA pode ser vista como um campo ou movimento que carrega a marca da subversão desde seu nascimento. Em linhas gerais, é uma tentativa de modificar o cenário de degradação ambiental decorrente dos modos de vida das sociedades de consumo ancoradas na produção massiva de mercadorias. Como um campo de conhecimento, também traz suas diferenças e matizes. Uma delas, já referida mais acima, carrega a marca da sustentabilidade. Historicamente, esta esteve muito mais relacionada com comportamentos ecológicos individuais que com o abalo das políticas públicas ecocidas, mantendo-se engessada por um único viés.

A SVA reconhece esse quadro e busca contorná-lo. É este interesse em experimentar novas vias em educação ambiental que confere à Sala Verde Amanajé seu devir revolucionário. Parafraseando Deleuze e Guattari, ela está próxima àquilo que Adorno chamava de “dialética negativa, e do que a escola de Frankfurt designou como ‘utopia’” (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2010b, p. 220). Ou seja, as experimentações em educação ambiental no âmbito da Sala Verde permitem fazer a junção do pensamento filosófico-ecológico com as determinações do presente, com as condições atuais da educação ambiental. Experimentar novas vias requer explorar os limites internos do campo da EA, tal como as cidades gregas romperam os limites das cidades imperiais e o capitalismo percorreu os mares através da riqueza em geral e do trabalho simplesmente. Tal como o Ocidente foi capaz de estender e propagar seus focos de imanência, a SVA também não pode se prender a limites exteriores que a congelem de cima. Seus limites são interiores e imanentes e não cessam de se deslocar, alargando o campo da EA, que é reconstituído e deslocado através das experimentações.

Contra a autoridade da abordagem conservacionista da EA, a SVA possui uma perspectiva imanente, e procura dar vazão a um processo de experimentação pouco confessável, pouco racional e razoável, no sentido de que recorre a meios que geralmente não são aceitos pelas correntes hegemônicas da EA. Estes meios podem incluir experiências subjetivas, como sonhos, processos patológicos (que se referem a estados anormais de funcionamento do corpo ou



da mente), experiências esotéricas (místicas ou ocultas) e estados de embriaguez ou excesso.

Com suas experimentações pedagógicas, a Sala Verde Amanajé rompe os limites da já consolidada educação pragmática, que tende a dar primazia aos aspectos individuais e práticos da educação ambiental, deixando em segundo plano os fundamentos da degradação ambiental, como as questões econômicas ou as visões de mundo fundamentadas na exploração da natureza.

Uma abordagem pedagógica ancorada unicamente na responsabilidade do indivíduo, atribuindo-lhe o poder de conservação do meio ambiente, busca sensibilizá-lo para a necessidade de proteger a natureza e os recursos naturais, assim como para garantir a sua sustentabilidade a longo prazo.

Constitui-se como parte fundamental de uma educação voltada ao problemas ambientais com um caráter hegemônico, uma educação maior, para usar a expressão de Sílvio Gallo. A criação de linhas de fuga em relação a esta abordagem deve apontar para formas de experimentações tateantes, que explorem meios pouco confessáveis e pouco racionais, como a interação com a natureza, o uso de práticas esotéricas ou a valorização de saberes e experiências locais.

As ações da SVA podem ser consideradas experimentais, já que procuram por novas formas de educar que possam promover uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente e com as culturas locais. Ao se envolver em um processo de experimentação, a Sala Verde Amanajé está correndo em direção ao horizonte, sobre o plano de imanência, buscando novas possibilidades e abrindo-se para o desconhecido. Essa atitude de abertura e busca por novas formas de pensar e agir está em sintonia com a EA crítica ao enfatizar a importância da experimentação e da resistência às estruturas já consolidadas, que tendem a limitar o potencial criativo das sociedades.

Como uma abordagem pedagógico-filosófica de caráter político, as experimentações da Sala Verde Amanajé são intempestivas. Isso porque ela procura estar à frente de seu tempo, contra uma tendência já consolidada no que concerne às formas de lidar com os problemas ambientais em educação, ou seja, para além de uma educação conservacionista, ambientalista.

Localizada no interior da Amazônia, a cidade de Capitão Poço já é, por si só, uma periferia em meio a uma periferia que é o Brasil, dentro de uma periferia maior que é a South America. Como tal, o único caminho a seguir é o de tornar-se minoria, ou, em outras palavras, tornar-se revolucionária. Esse caminhar está em curso através das experimentações com as subjetividades dos sujeitos, ou melhor, com a desterritorialização de nossas próprias subjetividades quando criamos as condições para repensar nossas formas de vida, ou, nos termos de Guattari, nas condições de deteriorização da vida.

O sujeito ecosófico é um conceito no sentido deleuzo-guattariano. Sua criação “faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que ainda não existe” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 130). Se bem as condições atuais imploram por um olhar mais cuidadoso com a natureza, uma

relação de respeito ao seu ritmo contra a aceleração demasiado feroz dos tempos de hoje, ainda assim um tornar-se minoria não somente parece ser algo proibido, reprimido e repudiado, mas que deve ser declarado impossível (MICHAEL-MATSAS, 2016, p. 290).

# Is critical environmental education from an ecosophic perspective possible in the Amazon? The case of the Sala Verde Amanajé

## ABSTRACT

In this text, we addressed the pedagogical experiences of Sala Verde Amanajé, highlighting the importance of addressing environmental issues beyond hegemonic environmentalism. These issues encompass social and subjective dimensions, requiring a critical and rhizomatic approach in the Deleuze-Guattarian style to create alternatives, experiment with challenging approaches, and resist a conservationist worldview. To conduct this analysis, we used the method of cartography, which mapped the proposed and implemented activities in Sala Verde Amanajé. Through this process, we followed and documented the ethical-political engagements and emerging subjectivities during the experiments. These experiments have been fundamental to stimulate ways of life and relationships that transcend the traditional educational model, allowing for a micropolitical and critical becoming in education.

**KEYWORDS:** Environmental education. Ecosophy. Philosophy. Sala Verde Amanajé.

# ¿Es posible la educación ambiental crítica desde una perspectiva ecosófica en la Amazonía? El caso del Sala Verde Amanajé

## RESUMEN

En este texto, abordamos las experiencias pedagógicas de Sala Verde Amanajé destacando la importancia de abordar las cuestiones ambientales más allá del ambientalismo hegemónico. Estas cuestiones abarcan dimensiones sociales y subjetivas, requiriendo un enfoque crítico y rizomático en el estilo deleuzo-guattariano para crear alternativas, experimentar enfoques desafiantes y resistir una visión conservacionista del mundo. Para llevar a cabo este análisis, utilizamos el método de la cartografía, que mapeó las actividades propuestas y realizadas en Sala Verde Amanajé. A través de este proceso, seguimos y registramos los compromisos ético-políticos y las subjetividades emergentes durante los experimentos. Estas experimentaciones han sido fundamentales para estimular modos de vida y relaciones que trascienden el modelo educativo tradicional, permitiendo un devenir micropolítico y crítico en la educación.

**PALABRAS CLAVE:** Educación ambiental. Ecosofía. Filosofía. Sala Verde Amanajé..

## NOTAS

1 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010b.

2 DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

3 SALA VERDE AMANAJÉ. *Sobre a Sala*. Disponível em <Sobre a Sala (ufra.edu.br). Acesso em: 13 fev. 2023.

4 Por exemplo, a pressão pela reversão das medidas de combate ao ecologismo dos últimos anos, principalmente na gestão do ex-ministro do meio ambiente Ricardo Salles, indiscutivelmente ligado a projetos antiecológicos (LAYRARGUES, 2020).

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Larissa Drigo. **A filosofia política de Deleuze e Guattari: crítica da razão e crítica do capitalismo**. 2016. Disponível em <larissa\_drigo\_agostinho\_projeto\_posdoc\_2016.pdf (usp.br)> Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Tradução: J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 1978.

BUTLER, Rex. **Deleuze and Guattari's 'What is Philosophy?': A Reader's Guide**. Bloomsbury Publishing, 2016.

COLE, David R. **Education, the Anthropocene, and Deleuze/Guattari**. Leiden: Brill, 2022.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. São Paulo: Editora 34, 2010a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas:

Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos, v. 1989, p. 1989, 1988.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/Nupaub-USP/CEC, 2008.

ESCOBAR, Arturo. **Depois da natureza: passos para uma ecologia política anti-essencialista**. Políticas públicas ambientais latino-americanas, p. 17-64, 2005.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012a.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: por um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

HEIDEGGER, Martin. **Being and truth**. Indiana University Press, 2010.

HUGHES, Joe. **Deleuze and the Genesis of Representation**. Bloomsbury Publishing, 2008.

LAYRARGUES, Philippe Pomier Pomier. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**, 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, p. 388-411, 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & sociedade**, v. 17, p. 23-40, 2014.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo da circulação do capital: volume 1**. São Paulo; DIFEL, 1982.

MERETZ, Stefan. **Peer commonist produced livelihoods**. Perspectives on commoning: Autonomist principles and practices. London: Bloomsbury Publishers, p. 417-461, 2017.

PATTON, Paul. **Deleuzian concepts: philisophy, colonization, politics**. California: Styanford University Press, 2010.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

PRADO JÚNIOR, Bento. **A ideia de “plano de imanência”**. In: Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Para que língua se traduz o ocidente?. **O que nos faz pensar**, v. 8, n. 10.1, p. 59-75, 1996.



VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

**Sites:**

<https://amazoniareal.com.br/brasil-meio-ambiente-sob-ataque-no-governo-bolsonaro/>

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/gr-ri/a-crise-ambiental-contemporanea-5192/>

RAZÃO INADEQUADA. **Mil Platôs**: multiplicidade e estratificação. Disponível em <Deleuze e Guattari • Mil Platôs • Razão Inadequada (razaoinadequada.com). Acesso em: 23 jan. 2023.

SALA VERDE AMANAJÉ. **Sobre a Sala**. Disponível em <Sobre a Sala (ufra.edu.br). Acesso em: 13 fev. 2023.

TRENKLE, Norbert. **Gesellschaftliche Emanzipation in Zeiten der Krise**. 2015. Disponível em <Gesellschaftliche Emanzipation in Zeiten der Krise | Krisis>. Acesso em: 01 jan. 2023.

**Recebido:** 02 set 2023  
**Aprovado:** 21 outubro 2023  
**DOI:** 10.3895/rtr.v8n0.17309

**Como Citar:** SOUZA, C. S.; MIRANDA, J. V. A.; ROMAGNOLI, F. C.. É possível uma educação ambiental crítica em perspectiva ecosófica na Amazônia? O caso da Sala Verde Amanajé. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17309, p. 1-21, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**  
Charleston Silva de Souza  
charlestonsouza10@gmail.com

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

